

Síntese do Mercado Procafé

“Geada, seca persistente e novas frustrações que vão surgindo”

(Resumo do mês de **julho/2022**)

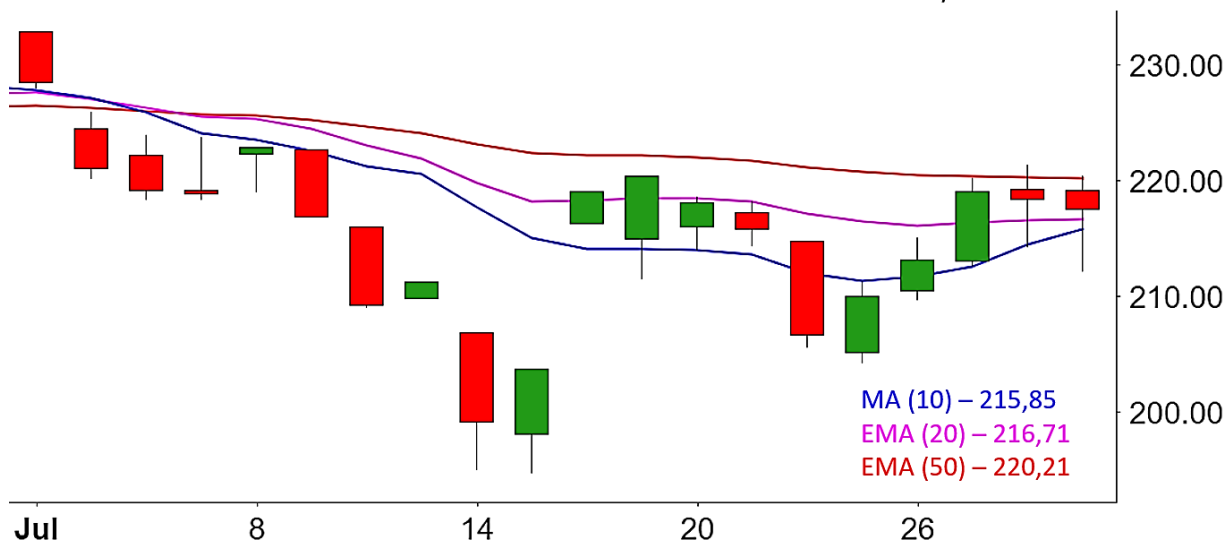
Fechamentos - Mês de Julho/2022

DESCRIÇÃO	MÍNIMA	MÁXIMA	ÚLTIMO DIA DO MÊS
Café CD, B/C, bebida mole, tipo 6 (R\$/sc)	R\$1.320,00	R\$1.460,00	R\$1.400,00
Café B/C, bebida dura p/ melhor, tipo 6/7 (R\$/sc)	R\$1.220,00	R\$1.360,00	R\$1.300,00
Café B/C, bebida rio, tipo 7 (R\$/sc)	R\$1.050,00	R\$1.160,00	R\$1.120,00
Café Conilon, B/C, tipo 7 (R\$/sc)	R\$675,00	R\$710,00	R\$710,00
Bolsa NY - ICE US (cents/lb)*	195,30	224,65	217,20
Bolsa SP - [B] ³ - tipo 4/5 (USD/saca)*	238,75	276,55	261,85
Bolsa Londres - ICE Europe - Conilon (USD/ton)*	1923,00	2030,00	2030,00
Câmbio - PTAX - USD/R\$	R\$5,1884	R\$5,4750	R\$5,1884

Fontes: Principais praças de café, [B]³, ICE Futures US, ICE Future Europe, BCB.

*Contrato/Vencimento: Setembro/2022

Análise Gráfica – Café Contrato C – ICE Futures US – Julho/2022



Fonte de dados: Investing.br

Análise Técnica: Fundação Procafé

No mês de julho, em sua primeira quinzena, mercado de café arábica derreteu diante a desaceleração da economia global, com receios de recessão global, sobretudo, nos EUA e na Europa. Da metade do mês em diante, o receio de desabastecimento, em especial no curto prazo, estimulou uma recuperação que, apesar de parcial, colaborou para que o mês de julho não fosse tão negativo quanto esboçou nas primeiras semanas.

Fatores de sustentação ao mercado:

1. Da metade do mês de julho em diante, o grande susto ocasionado pela forte queda das cotações do café, durante as duas primeiras semanas do mês nas quais importantes suportes (cotações na parte inferior do gráfico) foram rompidos, foi amenizado por um movimento altista estimulado pelo iminente risco de desabastecimento.
2. Após recuar para a mínima de 9 meses, alguns fatores relacionados a receios no abastecimento, em especial de curto prazo, sustentaram e estimularam uma recuperação parcial nas cotações:
 - ✓ No Brasil, a safra deste ano, cuja expectativa já não era das melhores, acabou ficando pior. Ou seja, a safra que já era pequena, está para se concluir menor. Muitos produtores vêm relatando uma quebra de 10% a 15% acima da que já era esperado. E, em certas regiões, até mais. O mês de julho já se encerrou e, em grande parte das regiões do Sul de Minas, a safra já está se encerrando, o que é atípico para o período e que permite a validação de que, uma safra com expectativas iniciais baixas, está se concretizando de modo mais frustrante ainda. Conforme exposto em Sínteses anteriores, diversos fatores prejudicaram a safra de 2022. Dentre os principais, o baixo crescimento das plantas, a geada, a seca e o baixo pagamento das floradas, ocasionado pela combinação da geada e da seca. De acordo com a Cooxupé, apesar de vir com potencial de qualidade melhor do que de anos anteriores, a safra do café arábica vem com uma quebra significativa, aquém do que as pessoas imaginavam;
 - ✓ E, por se falar em seca, o mês de julho se encerrou com déficit hídrico acentuado. Até o presente momento, a seca de 2022 já supera a de 2021. Associado à seca, as temperaturas mais elevadas do que o normal para um período de inverno, acaba promovendo uma evapotranspiração maior. Uma situação atípica, percebida por técnicos de campo recentemente, é o murchamento de plantas já no mês de julho, o que raramente ocorre em solos bons. Com isso, o alerta já está ligado e, apesar de não ser possível mensurar a amplitude a uma altura destas, o potencial da safra 2023 já pode estar comprometido. É preciso que as chuvas venham o quanto antes e em bom volume, do contrário, o mercado pode ter um susto com a oferta de 2023 (torçamos para que não);
 - ✓ Além dos fundamentos, no final do mês de julho, previsões de uma nova onda de frio em regiões cafeeiras no Brasil, antes de não se firmarem, acabaram estimulando as cotações;
 - ✓ De acordo com a Federação Nacional dos Cafeicultores da Colômbia, no mês de junho a produção de café caiu 10%, indo para 951 mil sacas de 60kg. Já no período de janeiro a junho, a produção colombiana caiu 5%, indo de 5,7 milhões do ano passado para 5,4 milhões de sacas deste ano. O mesmo relatório da Entidade, aponta que nos últimos 12 meses a queda chegou a 9% a menos, com 12,29 milhões de sacas contra 13,46 milhões de sacas do mesmo período de um ano anterior. No ano cafeeiro, outubro/2021 a junho/2022, a queda foi de 11%, indo para 8,96 milhões de sacas,

contra 10,06 milhões do ano anterior. De acordo com a Entidade, a produção deve seguir registrando queda no segundo semestre.

3. No mercado físico interno, o reflexo da queda das cotações nas Bolsas foi amenizado, ainda que de modo parcial, pela valorização do dólar, que chegou ao patamar de R\$ 5,50. Do dia 22/07 em diante, o dólar recuou, indo abaixo de R\$ 5,20 e, certamente, foi outro fator que estimulou a recuperação parcial das cotações nas Bolsas. De acordo com o relatório Focus do Banco Central do Brasil, atualmente, a expectativa é que a moeda norte americana encerre o ano cotada a R\$ 5,20.

Fatores de pressão ao mercado:

1. As duas primeiras semanas do mês de julho foram de muita frustração para muitos produtores, que por estarem em contato direto com as lavouras cafeeiras, percebem o iminente risco de desabastecimento que, a uma altura dessas, pode não ser somente no curto prazo como muitos players do mercado vêm projetando.
2. Conforme traçado em algumas Sínteses anteriores, a conjectura de aperto monetário global vem sendo forte fator de pressão às cotações, não somente de café, mas das commodities e ações de um modo geral. Na tentativa de conter a inflação, os principais Bancos Centrais do Mundo seguem elevando suas taxas de juros como estratégia. No entanto, o encarecimento do dinheiro traz inúmeros efeitos colaterais, dentre eles, a desaceleração da economia global e, inclusive, a possibilidade de recessão em grandes potências como os EUA e a Europa. Nos EUA, os receios com a elevada inflação, que chegou a 9,1% em 12 meses, nível não visto desde dezembro de 1981, levou o FOMC (Comitê Federal de Mercado Aberto) do FED (Banco Central dos EUA) a aumentar pela 4ª vez seguida a taxa de juros norte americana. O aumento de 0,75% elevou os juros dos EUA para o intervalo de 2,25% a 2,50% ao ano. Com a elevação dos juros norte americano e frente a um cenário macroeconômico turbulento, com muita aversão ao risco, a tendência é que investidores migrem suas apostas para ativos mais seguros, como o caso da própria moeda norte americana, provocando a desvalorização de outras moedas e de ativos, como commodities e ações. Além disso, há de se considerar as incertezas que rondam a economia chinesa que, além de enfrentar problemas em seu setor imobiliário, segue convivendo com vaivém de medidas restritivas relacionadas ao combate à Covid-19.
3. Já no primeiro dia do mês de agosto, o mercado de commodities fechou sob forte pressão. De acordo com a agência Reuters, o dia foi de bastante instabilidade nas praças financeiras globais, com forte queda do petróleo por temores de recessão, inflados por uma série de dados mais fracos da atividade manufatureira em economias centrais. Lamentavelmente, o café acaba surfando nesta onda.
4. Outro reflexo dos temores relacionados à queda da atividade econômica mundial foi a alta do dólar que, diante o sentimento de aversão ao risco, como ativo de maior segurança, chegou a ser negociado a R\$ 5,50/USD no cenário nacional, com o Índice DXY

(índice que mede o dólar contra uma cesta de moedas fortes) renovando seus níveis recordes de quase vinte anos, chegando a operar acima de 109 pontos. Além de impactar no mercado acionário e no mercado de commodities, a estratégia financeira global baseada na elevação de juros para contenção da inflação deve seguir impactando no mercado mundial de câmbio. Ademais, no Brasil, o cenário político e fiscal deve seguir dando suporte ao dólar frente ao Real, evitando quedas mais intensas como as do mês de abril. Se de certo modo, a alta do dólar nas primeiras semanas do mês, amenizou a queda nos preços do café no mercado físico interno, nas principais Bolsas de café do mundo, exerceu fortíssima pressão às cotações.

5. Para muitos players do mercado de café, existe ainda, uma grande interrogação quando o assunto é a demanda. Existem temores relacionados a uma possível estagnação, ou até mesmo recuo, no consumo de café diante a crise econômica que vem se desenhando, em especial, na Europa, onde se situa grande parte do consumo mundial e que, frente ao conflito entre Rússia e Ucrânia, as consequências podem ser até mesmo maiores. Os receios relacionados à demanda devem seguir exercendo pressão sobre as cotações.
6. Na primeira metade do mês, quando as preocupações relacionadas à desaceleração econômica, com uma possível recessão a nível global, juntamente com a alta do dólar pressionaram fortemente as cotações do café, um outro fator as comprimiu ainda mais, os fatores técnicos. Na medida em que importantes suportes (cotações na parte inferior do gráfico) foram rompidos, stops de vendas de fundos foram ativados e culminaram em um tombo ainda mais acentuado.
7. Se por um lado, o sentimento dos players do mercado cafeeiro, de que pode faltar café no curto prazo, vem dando certo suporte às cotações, por outro lado, o arriscado e duvidoso sentimento de ampla oferta no médio e longo prazo por parte destes mesmos players segue sendo aliado ao cenário econômico global nos momentos de pressão às cotações. As cotações invertidas na Bolsa de Nova Iorque, com vencimentos mais longos sendo negociados a cotações inferiores às dos vencimentos mais curtos, confirmam este sentimento. Contudo, com a estiagem que vem assolando importantes regiões cafeeiras do Brasil, vejamos até quando este sentimento de tranquilidade no abastecimento de médio-longo prazo irá.
8. As exportações do Vietnã seguem exercendo pressão sobre as cotações na Bolsa de Londres. Ao final do mês de julho, de acordo com o site Barchart, o Departamento Geral de Alfândegas do Vietnã informou que as exportações de café do Vietnã, de janeiro a julho de 2022, tiveram um incremento de 18,4%.
9. Por fim, uma pesquisa recente da Reuters com 12 traders e analistas, apontou uma projeção de queda das cotações de café até o final deste ano. De acordo com a pesquisa, na Bolsa de Nova Iorque, os preços futuros do arábica devem terminar o ano a 180 cents/lb, uma queda de 17,12% quando comparado à cotação do último dia do mês de julho (vide tabela acima). Já na Bolsa de Londres, a pesquisa aponta que as cotações do café robusta devem fechar o ano em 1.900 dólares/tonelada, uma queda de 6,4% quando

comparado à cotação do último dia do mês de julho (vide tabela acima). Aqui, o grande “X” da questão é que a pesquisa considera as previsões iniciais para a safra brasileira deste ano e do próximo ano. Não consideraram possíveis frustrações. E no mercado de café, cada dia, uma realidade. De acordo com a agência de notícias, para as referidas estimativas de preços, considerou-se uma safra de 63 milhões para o ciclo 2022/2023 e de 71 milhões de sacas para o ciclo 2023/2024.

Mensagem aos leitores:

“É fato que o cenário econômico global segue pressionando fortemente as cotações do café, mas não do dólar. Produtor deve se manter atento às oportunidades que e se, porventura, surgirem, não somente nas cotações dos cafés nas Bolsas, mas também nos bons momentos de preço que o mercado de câmbio pode oferecer, pensando sempre na margem e não somente no preço.”

Varginha, 02 de agosto de 2022.

Analista: João Marcelo Oliveira de Aguiar.
Superintendente Executivo - Fundação Procafé

Colaboradores: Alexandre Pedrosa Pinto, Alysson Vilela Fagundes e Rodrigo Naves Paiva.
Pesquisadores - Fundação Procafé